

REVISTA

Nº 1
TRIMESTRAL
JUNHO DE 2003
€ 1.50

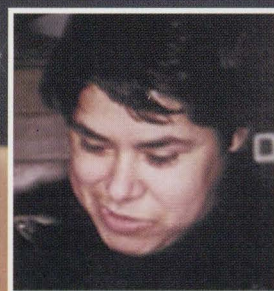
AS PESSOAS

Directora: Alcione Scarpin

EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS



MAMEDE
«STRESS»
DE CAMPEÃO



SUSANA
O APELO
DA MÚSICA

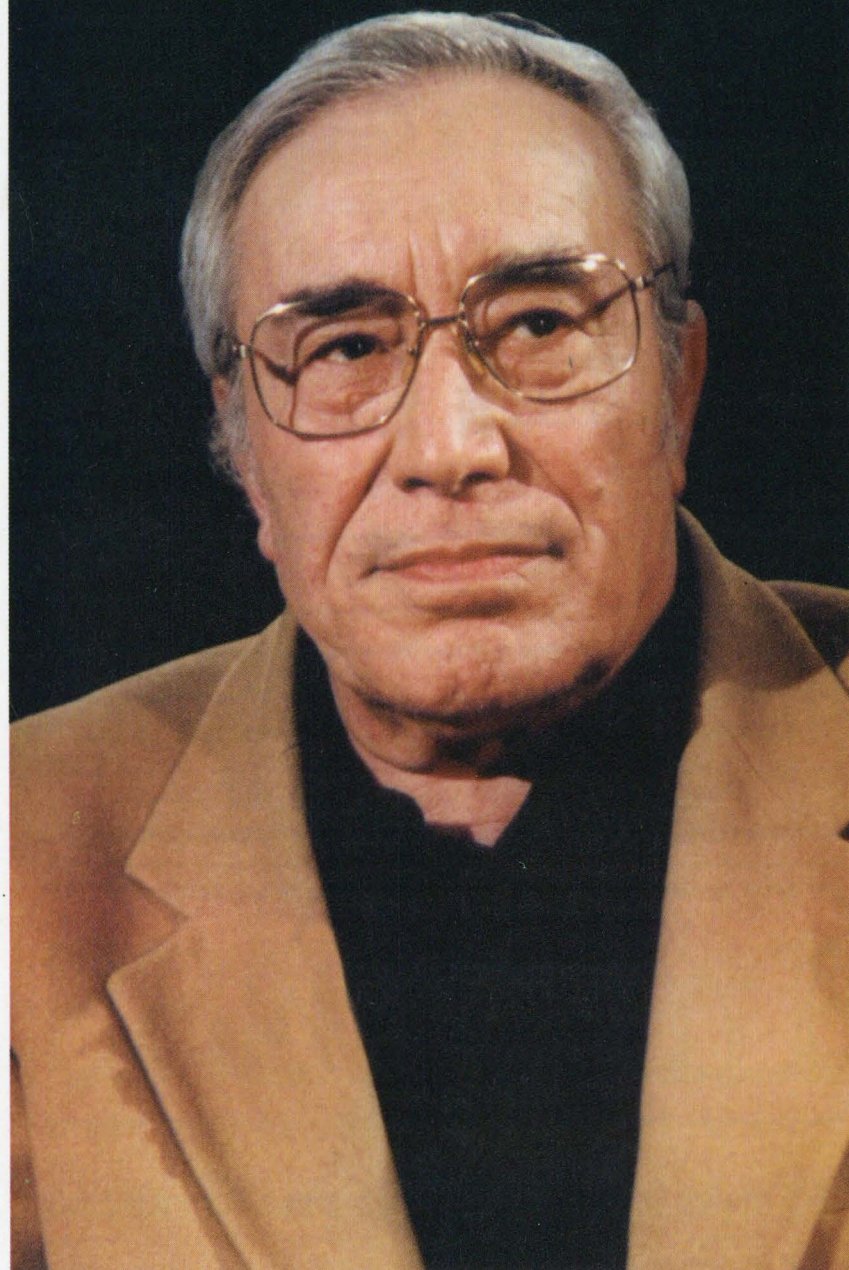


JOSÉ CARDOSO PIRES
UMA VIAGEM
AO «TÚNEL» DA VIDA

Falecido em Outubro de 1998, José Cardoso Pires – um dos mais talentosos e originais escritores portugueses do Século XX – foi ele mesmo protagonista de uma história de ida, e de retorno, a que chamou de «morte branca», até ao túnel da vida (uma zona quase desconhecida do SER), na sequência de um acidente vascular cerebral, que depois narrou na comovente (e reveladora) novela «De Profundis, Valsa Lenta»

«A MORTE BRANCA» DE JOSÉ CARDOSO PIRES

Em 1997, José Cardoso Pires publicou o livro «De Profundis, Valsa Lenta», com a chancela da «Dom Quixote», sobre a experiência por ele chamada de «morte branca», causada por um acidente vascular cerebral que o atingiu no mês de Janeiro de 1995



José Cardoso Pires na cerimónia de lançamento do seu livro «De Profundis»

Texto: Alcione Scarpin

Em entrevista concedida ao «Diário de Notícias», em Dezembro de 1998, o escritor falecido meses depois – na sequência de um novo acidente vascular, do qual desta vez não conseguiu retornar – relata como tudo se passou ao longo dos dez dias da sua impressionante «viagem».

«Acordei de manhã, estava porreiro, cheguei ali à sala, encontrava-se cá um casal francês amigo meu, estavam a tomar o pequeno almoço com a Edite, a minha mulher... Eu cheguei, fiquei calado e depois, de repente, olhei para a Edite e perguntei: «Olha lá, como é que tu te chamas???». Ela ficou um bocadinho à rasca, com todos a olhar para mim... E, depois a Edite percebeu logo que era qualquer coisa grave... Ficou atrapalhada, mas chamou-me e disse:

Existem tantas semelhanças entre o estado em que José Cardoso Pires esteve na sua impressionante «viagem» e a vivência de tantos seres humanos que à nascença ou nos primeiros anos de vida (por causas diversas como a meningite, a encefalite, problemas genéticos, etc) se viram despojados de áreas nobres do cérebro

«Estarei eu (José Cardoso Pires) à beira da loucura?».

Aconteceu que, enquanto esperava pelo início da sessão de lançamento do livro no Palácio Galveias, em Lisboa, li rapidamente alguns dos seus pontos principais – quase de um fôlego como é uso dizer-se...

Depois, uma, duas, três, inúmeras vezes, fui «sorvendo», frase por frase, a maravilhosa, e incomum, experiência do autor e o enriquecedor prefácio do Prof. João Lobo Antunes.

Trabalhando há 28 anos, como técnica, no campo da reabilitação com pessoas com deficiência mental ou défice cognitivo (no Brasil, EUA, França e

Portugal), considero «De Profundis, Valsa Lenta» um verdadeiro tesouro.

Quanta semelhança existe entre o estado em que José Cardoso Pires esteve (felizmente só por dez dias) e a vivência de tantos seres humanos que à nascença ou nos primeiros anos de vida (por causas diversas como a meningite, a encefalite, problemas genéticos, etc) se viram despojados de áreas nobres do cérebro, lançando-os numa clausura nos seus cérebros danificados.

Entretanto, aquele «EU» a que José Cardoso Pires se refere continua a existir e assiste a tudo como se de um filme se tratasse.

Por isso tenho lutado arduamente >>>

me: «Eu chamo-me Edite e tu?». Lá respondi: «Parece que é Cardoso Pires mas no lo se...».

Foi uma coisa que me eliminou a memória, a fala e a leitura. Estava para ali um tipo que não sabia ler, não falava... Quer dizer, falava, dizia o princípio da palavra e depois metia-lhe consoantes e coisas consonânticas. Eu chegava a ponto de me aperceber que ninguém percebia. E, então, estava a falar e depois fazia gestos e já não dizia mais nada».

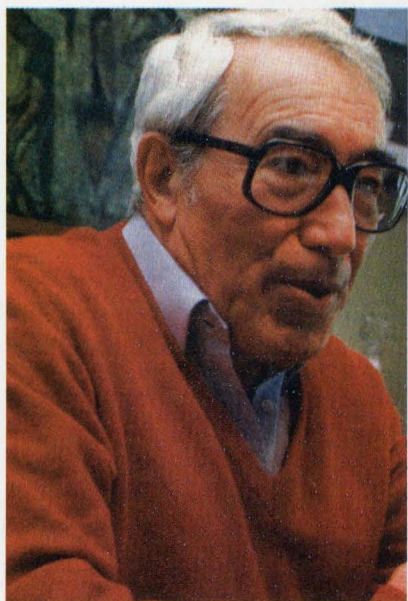
Esse «EU» ainda desconhecido

Na original narrativa de Cardoso Pires o que me chama sobretudo a atenção é a existência de um «EU» sempre presente a registar de maneira lúcida e coerente todas as incoerências e limitações e ideias desconexas daquele cérebro danificado a ponto de se perguntar:

TRAÇOS DE FUTURO!

zuritel
800 20 61 00

zuritel PPR/E



«A MORTE BRANCA»

► no meu trabalho, com o objectivo de alterar alguns dos princípios que, erradamente, em meu entender, ainda regem os programas de reabilitação, com a certeza de que nas profundezas daqueles cérebros danificados, temporária ou definitivamente, habita em cada um deles, o tal «EU» de que falou (descobriu) Cardoso Pires, com uma capacidade de compreensão muito para além da que imaginamos.

Nesta perspectiva, nós técnicos precisamos de alimentar os seres humanos portadores desse «EU» ainda desconhecido, de enriquecer e variar as actividades que lhes oferecemos (através do teatro, da pintura, da música, da cerâmica, do artesanato, da leitura, das artes gráficas, etc...), propiciar-lhes as mais variadas vivências possíveis, dar-lhes qualidade de vida, procurando incansavelmente uma forma de chegar até ao «EU» enigmático que, agora sabemos-lo, habita no interior de cada um deles; e, em conjunto, com familiares e amigos, ajudá-los a libertarem-se desse universo algo concentracionário em que vivem fechados sobre si mesmos.

Temos, por isso, que dar-lhes a oportunidade de se comunicarem não só entre eles, mas, sobretudo, com todas as outras pessoas do Mundo.

DIAGNÓSTICO DE UM NEUROLOGISTA

«CARTA A UM AMIGO»

O professor João Lobo Antunes licenciou-se em Medicina em

DE JOÃO LOBO ANTUNES

1967. Entre 1971 e 1984 esteve nos EUA como bolseiro da Fundação Fullright. Trabalhou no Instituto Neurológico de Nova Iorque, sendo nomeado, em 1980, professor associado de Neurologia da Universidade de Columbia. No âmbito da sua tese de doutoramento dedicou-se à investigação em áreas da Neuroendocrinologia. Regressou a Portugal para ocupar a cátedra de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina de Lisboa. É autor de inúmeros artigos científicos e de várias obras sobre temas da sua especialidade, eivadas de fino recorte literário

No texto que escreveu como introdução ao livro de José Cardoso Pires, o autor de «Um Modo de Ser» aborda aspectos relacionados com o facto de só ter conhecido pessoalmente o escritor após a traumática experiência por este vivida no «túnel da vida» e a importância, e o ineditismo científico de «Valsa Lenta».

Pelo seu evidente interesse e actualidade passamos a transcrever alguns extractos do prefácio (em estilo de «diagnóstico») de António Lobo Antunes a que ele deu o título fraterno e coloquial de «Carta a um Amigo».

- Devo dizer-lhe (José) que é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embota a sensibilidade, se contém o gesto. E, muitas vezes, a agressão, como aquela que o assaltou, deixa cicatriz definitiva, que impede o retorno ao mundo dos realmente vivos. É por isso que o seu testemunho é singular, como é única a linguagem que usa para o transmitir. Eu explico-me melhor: o conhecimento científico das alterações das funções nervosas superiores obtém-se em regra por interrogatórios exaustivos, secos, monótonos, e recorrendo a testes padronizados, ou seja, perguntas idiotas cientificamente testadas e estatisticamente aferidas – dizem os autores.
- Tentei no passado, sem êxito, devo confessar, que duas pacientes minhas, com patologias e equipamento algo semelhante ao seu – inteligência, sensibilidade, poder de análise, talento discursivo, distanciamento introspectivo – partilhassem com outros a sua história. Uma delas, mulher de excepcional perspicácia, ia-me descrevendo a sua recuperação motora e as estratégias que para o efeito utilizava, com tal lucidez, que eu apostei que ela ia recriando exactamente o programa genético que põe um bebé, primeiro de gatas, depois de pé, e finalmente a andar. Uma outra, música brilhante, ia-me contando como a sua relação com a música se alterara, desde a enunciação do solfejo, ao dedilhar das notas, e como o instrumento se tornara num realejo de impávida brutalidade, sem modulação de sentimento ou emoção.
- Penso que o pudor de narrar toda a intensidade do sofrimento ou o bálsamo do esquecimento inconscientemente aplicado suavizam a sua descrição da angústia da perda de identidade, do seu isolamento sem nome, sem assinatura e sem memória. Este é um dos pontos mais intrigantes do processo, porque nos nossos esquemas anatómico-funcionais a memória não vive na zona lesada no seu caso. Curiosamente, você prende sempre a memória à imaginação, afinal ingredientes indissociáveis à sua criação literária. Num mundo sem coordenadas de tempo ou de distância, «afísico» portanto, inundado de luz gelada, do «néon» de um café de província, você (José) não temeu!

